



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS  
III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS  
QUESTÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO NO SÉCULO XXI



## O IMPÉRIO DA FOLIA E AS MÁSCARAS DA REPRESSÃO

**Sandra Maria Nascimento Sousa\***

### RESUMO

Este texto discute a participação das mulheres nos bailes de máscaras do Carnaval, em São Luís, e os jogos de relações institucionais que os controlam e limitam.

Palavras-chave: Cultura Popular, Gênero, Memórias de Mulheres

### ABSTRACT

This text argues the participation of the women in the balls of mask of the Carnival, in São Luís and the games of institutional relations that control then and limit.

Keywords: People Culture, Gender, Women Memories

## 1 INTRODUÇÃO

Nos anos 50 e 60, do século passado, as mulheres podiam transitar por poucos espaços públicos, praticar algumas profissões consideradas, especificamente, como profissão de mulheres e ocupar restritos lugares destinados ao lazer. O centro de sua atuação e de “realização”, segundo os cânones ideológicos, seria *o Lar, os Filhos e o Marido*. Estabelecida como um padrão ideal, essa sua atuação era contraposta à representação da *desordem* e da *transgressão*, atribuída às mulheres que, na prática, se “desviavam” desse modelo.

Nessa perspectiva, as mulheres que freqüentavam os Bailes de Máscaras, do Carnaval Popular, em São Luís, principalmente nos anos 50 e 60, foram consideradas, pelos discursos oficiais veiculados pelos jornais locais, como *devassas, degeneradas, perdidas* além de outros adjetivos, classificados como impróprios. Essa interpretação reflete os efeitos de um paradigma clássico em nosso sistema de pensamento, segundo o qual, os seres humanos e suas relações são representados a partir de uma dualidade que os opõe de modo excludente e torna impossível as posições e atuações intermediárias, considerando, ainda, “a margem” como o lugar adequado aos *desviantes*.

---

\*Dra. em Ciências Sociais. Docente-Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais-Universidade Federal do Maranhão.

Discuto neste texto essa condição *desviante* assumida por mulheres que freqüentaram os Bailes de Máscaras, tão conhecidos e *lembrados* por muita gente que contribuiu com relatos e narrativas sobre as histórias da qual fizemos parte, e que, atribui sentidos positivos e negativos a essas experiências. Do lado da negatividade, os sentidos são atribuídos, especialmente, por atores sociais que estavam sintonizados a uma política nacional que se apresentava em discursos oficiais, como a “Ordem Restauradora” (Repressora) da Moral e da Família, no contexto da legitimação da Norma.

Toda relação comporta uma multiplicidade de jogos de poder que nos interessa desvelar, pelo menos em parte, para uma compreensão mais acurada das diversas relações e instituições sociais que constituímos, no sentido de estar atentas às modalidades de conservação ou de inovação que podemos instilar, muito especialmente, nas relações de gênero. Deste modo, espero estar contribuindo para dar melhor visibilidade a alguns dos processos envolvidos nas relações entre atrizes, freqüentadoras dos bailes de máscaras e atores, masculinos, que se propuseram a fecharem os Salões.

## 2 AS MULHERES NA FOLIA

Na casa de Dona Maria, é madrugada do domingo e a sala está cheia de mulheres. Acabaram de chegar dos bailes. Foram ao Lunático Clube, ao Paquetá, ao General da Banda e, agora, riem muito, contando umas às outras as peripécias, “as brincadeiras” que fizeram com os homens com quem dançaram nos salões. Tiram suas máscaras e falam, inclusive, daqueles meninos levados que, ao vê-las passar, correm para arrancá-las. Como muitas outras pessoas, estes desejavam conhecer as suas identidades, re-conhecer os rostos, saber quem são essas mulheres, *atrevidas, ousadas, irreverentes que se dão direito a esse desfrute?(grifos meus)*

Ao lembrar e relatar essa situação, Dona Maria também ri, iluminando seu rosto e, logo em seguida, registrando: *Logo mais, tínhamos de ir trabalhar*. Teriam que ir para as fábricas São Luís, Cânhamo, Rio Anil, para suas casas, ou para escritórios, repartições públicas, ou a casa da patroa, onde eram cozinheiras, lavadeiras, etc. Começamos a confrontar a perspectiva corrente de que as mulheres eram “As Rainhas do Lar”. As Mulheres dos bailes, mais pareceram abelhinhas preocupadas em trabalhar e produzir mel. Mas e *O Lar?* Dona Maria, dona Celeste, dona Olminda e outras senhoras me dizem que hoje são avós. Algumas já têm netas moças. Seus filhos e filhas, naquele momento, eram crianças e tinham sua assistência. Ao irem para o trabalho, para os bailes, sempre os deixavam aos cuidados de alguém, geralmente suas mães, ou mesmo uma colega. Algumas trabalharam muito pesado; durante o dia, como cozinheiras, ou lavadeiras e, quando

chegavam em casa, ainda preparavam salgadinhos e doces para complementar o pouco salário que recebiam. Então, como não atender à demanda que aparecia durante o Carnaval? *“Esquecer a tristeza da vida, os sofrimentos e cair na folia”*.

Esse destaque é dado pelos cronistas, repórteres e empresários dos bailes, transmitindo à população, que este é o momento em que *o mundo pode virar de ponta-cabeça*, (BAKTIN, 1993). Nesta representação tudo o que é “normalmente” proibido, nesse contexto, torna-se permissível e, mesmo compulsório, aderindo-se à uma visão de mundo marcada pela subversão dos valores oficiais e pelo caráter contestador e renovador da ordem vigente.

A chamada para os bailes são estimuladas nos jornais, através de anúncios como este:

O General da Banda, ao instalar-se à Rua de Santaninha, esquina com a Praça da Alegria, oferece UM PERFEITO SERVIÇO DE BOTEQUIM, UM CORDÃO DE FORMIDÁVEIS GAROTAS E UMA BOA ORQUESTRA. (Jornal “O Combate”, 21/01/50).

Em toda a década de 50, os jornais vão ressaltando os bailes de máscaras como “a festa mais animada e prazerosa” do carnaval, em São Luís. As lembranças das mulheres também ressaltam a grandeza desse carnaval, embora houvessem as outras brincadeiras: os Assaltos, os Blocos de Sujo e os Bailes da “elite” (grifos meus), como descritos nas narrativas, no Teatro Artur Azevedo, no Cassino Maranhense e no Lítro Recreativo Português. As freqüentadoras dos bailes de máscaras, ainda, dizem que quando começava a tocar, todo mundo se alegrava, os que estavam na rua e, também, nos salões. Em suas lembranças, registram que: *“juntava muita mulher na casa de uma ..e, às vezes vinha um ônibus nos buscar. A orquestra saía com aquele bando de mascaradas que já entravam animando a festa”*.

A esta altura, já estamos registrando muitos relatos que mostram como os bailes iam se espalhando pela cidade, ocupando ruas, becos e vielas, assumindo diferentes representações, de acordo com a posição social dos freqüentadores e o local onde funcionava o Salão. Um dos mais famosos passou a ser o Baile do Moisés, que segundo as mulheres ia sendo destacado como “o mais selecionado”, na medida em que iam os homens que tinham melhor situação financeira, além das garotas mais bonitas e, aonde, sobretudo, não podiam ir mulheres negras. Daí, ser interessante a fantasia da “boneca de pixe”, que disfarçava a cor de algumas que se aventuraram nesses bailes.

Os tais bailes eram tidos como festas animadas, às quais iam pessoas de todas as classes sociais, ainda mais, com o apoio da construção ideológica de que no Carnaval dissolvem-se as barreiras de “classe social”. Ricos e pobres brincam juntos, se misturam. Na verdade, nas lembranças das mulheres narradoras, não era sempre assim. As mulheres

de classe social mais privilegiada, também freqüentavam os bailes, porque a máscara lhes permitia ocultar a identidade social e, ao mesmo tempo, revelar desejos e fantasias. Eram elas que contavam com a discrição dos repórteres e cronistas quando, alguma confusão irrompia nos salões. Também os donos dos salões, as gerentes dos bailes as protegiam bem mais, facilitando saídas rápidas, em situações que suas imagens pudessem ser manchadas.

Que situações eram essas? Aquelas que fossem reveladoras da conduta desejante ou libertária com relação aos modelos idealizados de mulher= mãe, ser assexuado, dedicada exclusivamente às tarefas do lar, inocente, frágil e tantos outros atributos considerados como pertinentes à “natureza feminina”. É nessa conotação que uma das narradoras destacou: *Você pergunta por que não podia ir senhoras casadas? Porque era uma baixeza para elas... todos falam que mulher direita não deve ir pra esses bailes.*

Para Baktin (1993), a máscara é o motivo mais complexo, mais carregado de sentido da cultura popular. Traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo: *É a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais O complexo simbolismo das máscaras é inesgotável.*

### 3 MÁSCARAS QUE ESCONDEM ROSTOS MENOS AMENOS

Em nota de fevereiro de 1959, o jornal “o Diário da Manhã” revela em sua primeira manchete a situação econômica de São Luís, que precisa se modernizar e, comenta que as festas do Carnaval entram em “declínio” (grifos do jornalista). Coloca tal situação como decorrente do elevado custo de vida, faltando recursos, até mesmo para a população divertir-se.. Destaca o jornalista:

Parece até que, no momento, apenas o Rio de Janeiro faz excepcionais homenagens a Momo, enquanto aqui, continuamos a ter aqueles bailes de máscaras, que se precisa acabar. O Carnaval maranhense está metido em suas máscaras nos clubes populares, onde reina a mais completa degeneração.

A maioria das mulheres que participou deste trabalho de reconstrução, indignou-se ao ler essa nota do jornal e retrucou:

A diferença dos bailes de antigamente, para os bailes de hoje, é que a mulher vai de cara limpa. Naquele momento, se nós brincávamos, a máscara acabava fazendo que ficasse tudo no respeito. Não se reconhecia as mulheres que faziam isso ou aquilo. A mulher tinha mais reserva com o seu corpo, mais proteção.

Ao final dos anos 50 e até meados dos anos 60, os bailes e as tais brincadeiras feitas com a iniciativa das mulheres, em conquistar, seduzir os homens, o que vinha a ser o inverso do que permitia a norma social, ia sendo referida como imprópria para a ordem familiar e inadequada aos padrões de uma modernidade que exigia papéis e funções sociais bem demarcados, no sentido de uma complementaridade útil nos recortes entre o público e o privado.

Nessa perspectiva, os bailes de máscaras passam a ser constantemente ressaltados como o lugar da des-Ordem que impera no Carnaval. O Monsenhor Papp, constitui-se, a partir de então, um representante da Igreja Católica a declarar no *Jornal Pequeno*, sua oposição ferrenha:

Transformar a alegria popular em devassidão coletiva, misturar a venda de bebidas alcoólicas com a venda vergonhosa de honras, acumular o sacrifício moral das famílias, fazer do Carnaval porta aberta para a prostituição de dezenas de mocinhas mal avisadas é algo tremendamente cruel, desumano, anti-patriótico e fatal para qualquer povo civilizado. Centenas de mulheres fracas, e doentes, gastam suas minguadas energias em noitadas nas farras, bebedeiras, na perdição. Em clubes localizados nas artérias da cidade, infelizes escravas do meretrício misturam-se a moças e senhoras de qualidade duvidosa. Será que os poderes constituídos não poderiam, para remediar o mal, aplicar a tese da DEFESA, da nação, regulamentando o Carnaval em seus justos limites?

Este teor, tende a crescer e receber adesões institucionais como as do Prefeito Epitácio Cafeteira, destacando a necessidade da defesa da Ordem Moral e da Família Instituída. Enquanto isso, o *Jornal Pequeno* recrudescer em seus ataques, constituindo um personagem, O Camisa Preta, que se dizia ir aos bailes e se imiscuir nas relações, para descobrir identidades ocultas, revela-las, “a serviço do bem da coletividade”. Eram comuns as seguintes notas:

Um moço moreno contou para Chica a seguinte história: era uma vez um comerciante do Monte Castelo chamado Errei & Tal. Foi dançar no TipTop e, quando chegou em casa, a mulher tinha ido para o Sarava. Fazer o que lhe fazem, não é pecado... (20/02/65).

Se a imprensa denuncia e a Igreja mostra “o mau caminho”, resta ao Prefeito providenciar as Portarias, fazer cumprir a Segurança Pública, praticar as Medidas Judiciais cabíveis, harmonizando seu poder institucional com os demais, nessa batalha pela ordem Moral e Bons Costumes. Desse modo, a partir de janeiro de 1966, correm às soltas as notícias do fechamento dos bailes. Alguns empresários dos bailes de máscaras tentam resistir, como registra, ainda, o *Jornal Pequeno*, porém a imposição da Ordem vai ganhando terreno, à medida que aumentam as exigências da Igreja, da Imprensa e de Associações de Senhoras de Famílias, para que a Guarda Municipal se instale nos Clubes e faça respeitar a Lei.

## 4 CONCLUSÃO

Reconstituindo-se o cenário social e os atores, em movimento, que deram vida e que, também, encerraram os Bailes de Máscaras, nos anos 50 e 60, em São Luís, percebemos discursos distintos: os dos homens, expressos em crônicas, ensaios, notas, exercendo o papel de informantes e os das mulheres, manifesto nas lembranças de suas experiências, vivenciadas nos seus papéis de mães, filhas, esposas, operárias, festeiras, etc.. Nas lembranças destas mulheres, que aqui estiveram, sabemos residirem segredos, silêncios e não-ditos, guardados até hoje em seus baús, junto às fantasias e máscaras que ainda conservam.

Na década de 50 ainda no início dos anos 60, os diversos interesses em jogo pareciam confluir para numa concordância social, com a contínua realização dos bailes, “desde que”, a ordem social que constituía a Família fosse preservada, tal como idealizada em modelo. Já, a partir de 64, muda o cenário nacional, em termos de sistema de Governo, alterando as configurações locais, também., e fazendo chegar seus efeitos até os salões de bailes, uma vez que a modernização conservadora exige limpeza e higienização nos corpos, nas mentes e nas modalidades de se obter prazeres. Daí, só restou a esperança que inspirou Chico Buarque na letra da música “Amanhã será outro dia...”

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher:1945/1964, Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica**: arte e política-Obras Escolhidas, V.1. São Paulo: Ed. Brasiliense,1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - Lembranças de Velhos, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**, Campinas: Papyrus, 1976.

BRUSCHINI, Cristina e COSTA, Albertina. (orgs.) **Uma questão de gênero**, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, São Paulo:Fundação Carlos Chagas, 1992.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HELLER, AGNES. **O cotidiano e a história**, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1989.
- LUZ, Madel Terezinha (org.) **O lugar da mulher**, Rio de Janeiro: GRAAL, 1982.
- MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. São Paulo: Guanabara Koogan, 1990
- PERROT, Michele. De Mariannne a LuLu: as imagens da mulher, In: SANTANA, Denise B. de (org.) **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- QUEIROZ, Ma. Isaura de. **Carnaval brasileiro**: o vivido e o mito, São Paulo: Brasiliense, 1992.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar.
- SAFFIOTI, Heleieth . rearticulando Gênero e Classe Social, In: BRUSCHINI, Cristina e COSTA, Albertina. **Uma questão de gênero**, Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; Fundação Carlos Chagas, 1992
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, In: **Educação e Realidade: Mulher e Educação**, v.15, nº 2, São Paulo, jan/1995.
- SILVA, Ma. Odila L. **Quotidiano e poder em São Paulo no Século XIX**, São Paulo: Brasiliense, 1995.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado** – História Oral, São Paulo: Paz e Terra, 1992.